



Uma Revolucionaria Brasileira: Nísia Floresta¹

Emanuella Soares de OLIVEIRA²
Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Este artigo aborda a vida da revolucionaria Nísia Floresta. Têm o intuito de demonstrar a trajetória dessa revolucionaria, a importância da educação para as mulheres, demonstra que a luta por direitos iguais entre mulheres e homens é antiga e justa. Essa ilustre figura tem participação marcante nas lutas das mulheres, negros e indígenas. Uma representante do nordeste do Brasil, mostrando nossa qualidade produtiva a muito tempo. Essa personagem tem vários livros publicados em idiomas diferentes. É uma mulher símbolo da luta social brasileira, mas pouquíssimo conhecida. Nesse período de retrocesso entre os direitos retirados estão os das mulheres. Nísia Floresta já em seu tempo defendia fortemente os direitos das mulheres na área da educação, política, nas formas de relacionamento entre mulheres e homens. Desta forma, Nísia Floresta mulher republicana que construiu escolas as quais ensinavam mulheres para além de bordar, cozinha e aprender a ser boa esposa propiciando as meninas a oportunidade de terem acesso a ciência como matemática e línguas estrangeiras. Foi abolicionista e escreveu vários textos sobre essa temática como: seu conto “Passeio ao Aqueduto da Carioca” e na luta pelos povos indígenas escreveu o livro “A lágrima de um caeté” teve participação nos movimentos como a Revolução Farro Pilha. Nesse sentido Nísia Floresta nos ajuda a compreender o presente com base nas lutas passadas.

Palavras-chave: mulher; lutadora; Transformação social.

1. Introdução

Este artigo resgata a revolucionaria brasileira, Nísia Floresta. Foi uma Mulher abolicionista, que também, muito lutou para que as mulheres tivessem acesso à educação. Ela foi uma escritora reconhecida por seus contos e romances, uma pessoa de destaque da história brasileira que não é muito lembrada.

Nísia Floresta mulher nordestina e lutadora social. Ela lutou por um Brasil independente. Teve destaque nas pautas das mulheres, indígenas e negros. Mesmo quando viaja para a Europa continua seus embates, através de seus escritos, uma forma de mostra ao mundo como de fato era o Brasil.

¹ Trabalho apresentado no GT 3 – Processos de identificação e desigualdades nas relações étnico-raciais, intergeracionais e de gênero do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Mestra pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE, e-mail: emanuellao@gmail.com



Ao decorrer desse artigo apresentaremos devidamente a personagem estudada, detalhando sua vida e sua participação política, a sua importância para a construção do Brasil.

2. A vida de Nísia Floresta

Nísia Floresta, nasceu no Nordeste do Brasil, no Estado do Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810, em Papari, cidade renomeada com seu nome. Antes se chamava Dionísia Pinto Lisboa, acabou por adotar o nome Nísia Floresta Brasileira Augusta. Foi filha do advogado Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, português liberal e de personalidade progressista, casado com uma viúva brasileira Antônia Clara Filha. Sobre seu nome afirma a estudiosa Rafaella Brito:

Floresta, o nome do sítio onde nasceu. Brasileira é o símbolo de seu ufanismo, uma necessidade de afirmativa para quem viveu quase três décadas na Europa. Augusta é uma recordação de seu segundo marido, Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem se casou em 1828... (Brito, 2014).

Sua educação inicial foi no convento de freiras, como era de costume à época para as meninas terem educação nos conventos. Como afirma (SOUSA, 2018, p13). “Nísia Floresta recebeu suas primeiras instruções na cidade de Goiânia, em um convento de Carmelitas fundado no século XVII. Durante sua formação, revelou grande aptidão para as letras e as línguas estrangeiras.” É possível que, por seu pai ter ideologias liberais, deva ter ensinado esses princípios a ela e ter providenciado uma preceptora para lhe ensinar em casa, hábito comum nesse período para meninas de famílias privilegiadas, já que inicialmente não se tinha escolas para meninas na época do Brasil Colônia. Como destaca o historiador Itaqui:

Esta vida itinerante fez com que Dionísia, em Goiana, tivesse seus primeiros contatos com o liberalismo, traço característico de seu pai, que a incentivou a vasculhar e ler os livros da biblioteca do Convento das Carmelitas, existente desde o século XVII. Ali iniciava, também, os conhecimentos liberais que a caracterizariam pelo resto da vida. (2013, p.26)

Nesse período, as professoras vindas a ensinar no Brasil eram de origem portuguesa e francesa, fato que pode ter contribuído na difusão das ideias trazidas da revolução francesa, convicções essas pungentes na Europa, que muito influenciaram Nísia Floresta em seus escritos. Essa educação era restrita para as famílias que



tinham algum destaque social. A maior parte da população, principalmente as meninas, não tinham acesso aos estudos. O patriarcado pungente no Brasil nesse período restringia as mulheres a atividade doméstica. Floresta pertencia à classe das elites no Rio Grande do Norte. Por isso, teve uma boa educação e pôde se destacar e ser a intelectual que foi. Nessas condições é que Nísia Floresta passa a lutar pela educação feminina e torna-se professora. Sobre a educação dessa época Duarte aponta:

Para melhor situar a autora no contexto educacional de seu tempo e compreender a extensão do seu pioneirismo, faz-se necessário lembrar aspectos da política governamental e as prioridades então estabelecidas para a educação. Como, por exemplo, que durante o período colonial não havia quase escolas no Brasil. Apenas os conventos e seminários se ocupavam em fornecer uma instrução àqueles que os procurassem, mas seu número era insuficiente para alterar substancialmente a costumeira indigência cultural. Se aos homens ministrava-se um ensino mais consistente, repito, às mulheres bastavam os trabalhos manuais, pois o androcentrismo da família patriarcal se encarregava de excluí-las dos menores privilégios e reservava aos homens os benefícios que a cultura pudesse trazer. Com a vinda da Corte, a situação começa aos poucos a mudar. Os novos ventos trouxeram educadoras portuguesas e francesas para as meninas das famílias mais abastadas, e, lentamente, foi deixando de ser uma “heresia social” o ato de se instruir e ilustrar alguém do sexo feminino. (2010, p.18).

Nísia Floresta casou-se cedo, aos 13 anos com Manuel Alexandre Seabra, mas se separou no primeiro ano de seu casamento. Depois da separação foi com seus pais para Pernambuco para escapar de perseguições políticas devido aos conflitos pela independência do Brasil e os sentimentos antilusitanos, também por seu pai defender como advogado as causas dos mais pobres contra grandes fazendeiros. Aos 18 anos de idade sofreu com a morte do pai, assassinado por defender um caso contra a elite local. Como descreve Rafaella Brito:

Naquele tempo, os conflitos pela Independência sacudiam a América Latina e, devido à forte onda de sentimentos antilusitanos, a família foi obrigada a deslocar-se diversas vezes, tendo se estabelecido em 1824 em Olinda, Pernambuco, onde Dionísio atuou como advogado. Em 1828 – tendo Nísia 18 anos – o pai foi morto em uma emboscada nos arredores de Recife, por conta de uma causa judicial contra um integrante da poderosa família Cavalcanti. A respeito do fato, Nísia escreveu: “Esse advogado, que fizera triunfar o direito de seu pobre cliente, alvo da injustiça atroz de um tal tirano, caiu de improviso sob os golpes de assassinos pagos por ele”. (Britto, 2014)³.

Morou, também, em Goiana, no Recife e em Olinda, onde conheceu seu segundo marido, o bacharel em Direito Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem

³ Essa passagem foi tirada do blog: blogueirasfeministas.com



teve filhos; mudou-se várias vezes mais; para Rio Grande do Sul com o segundo esposo na intenção de fugir das perseguições de seu primeiro marido onde ficou até 1837. Depois foi para o Rio de Janeiro no intuito de se afastar dos conflitos da guerra dos farroupilhas; do Rio foi para a Europa com o intuito de cuidar da saúde da filha e se refugiar de perseguições políticas devido a sua luta pelos direitos das mulheres. Seu casamento durou até a morte do marido em 1933, quando Nísia tinha 23 anos de idade. Sobre os filhos de Nísia Floresta há dúvida sobre a quantidade, se dois ou três e também não se sabe ao certo o sexo das crianças. Assim afirma Sousa:

Por seu pai ser advogado e defender as causas de pobres contra grandes fazendeiros, a família mudava de cidade constantemente, tendo se estabelecido em 1824 em Olinda, Pernambuco, onde Dionísio atuou como advogado. Em 1828 seu pai foi morto em uma emboscada nos arredores de Recife. Após alguns anos do falecimento de seu pai, Nísia conheceu Manuel Augusto de Faria Rocha, estudante de Direito, com quem se casou e teve três (03) filhos. (2018, p.13)

Já Itaquy afirma:

Juntos tiveram uma filha, em 1830, que seria a grande companheira e tradutora de Nísia em suas viagens. Chamaram-na de Lívia Augusta de Faria Rocha. No Recife, ainda tiveram um segundo filho, em 1831, mas que infelizmente foi “cedo arrebatado pela morte”, nas palavras da mãe. (ITAQUY, 2013, p.27).

Desta forma, é importante ressaltar que Nísia Floresta foi uma mulher revolucionária, porque dentre outros fatores teve condições educacionais que lhe proporcionaram isso. Teve forte influência do pai sobre as ideias liberais. Foi audaz ao se separar do marido para casar novamente. Sobre sua vida não se tem certeza sobre seus filhos.

3. Atuação Política

Nísia Floresta foi forte defensora dos direitos das mulheres, negros e indígenas. Colaborou inovando a educação brasileira, além de ser poetisa. Desta forma, visualizava a construção de uma nação próspera que respeitasse os direitos de todos que a compunham. Em especial, teve ênfase na luta pela educação das mulheres. Na área da educação lutou para que elas tivessem acesso à escola e a uma formação de caráter igualitário ao dos homens. Dedicou-se a essa área com destaque à fundação da primeira escola com esses princípios destinada à educação para meninas. Segundo (SOUSA, 2018) homenageando seu esposo a nomeou Colégio



Augusto, no Rio de Janeiro. (GASPAR, 2017) também confirma essa proeza afirmando “fundou colégios para meninas no Recife, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro”.

Nessas escolas, a educação das mulheres era semelhante à dos homens em que o conhecimento científico era ensinado as meninas indo, assim, além de atividades domésticas. Nesse sentido, os conteúdos ensinados abarcavam as disciplinas de “português, ciências naturais e sociais, matemática, línguas estrangeiras, artes”, os quais proporcionavam às mulheres melhores condições de lutar por seus direitos, pois conseguiam contestar sua posição inferior à dos homens como não natural, nem destino divino. (TELÉSFORO, 2015). Por ter essa perspectiva, a pensadora lutava para que as mulheres tivessem direito à cidadania, em primeiro lugar à educação. Essa iniciativa foi de importância incalculável, pois as escolas existentes no período em que viveu Nísia ensinavam às mulheres atividades domésticas, isto é, preparavam as meninas para serem esposas dedicadas aos maridos. Dessa forma, Nísia Floresta defendeu a fundo seus ideais de igualdade entre os indivíduos.

Por lutar pela liberdade das mulheres, Nísia Floresta foi duramente perseguida. Primeiramente, por se separar do marido, em um período em que não existia a prática e o reconhecimento legal do divórcio; em segundo lugar, por ter ido viver com outro homem. Seu primeiro marido a perseguia por não aceitar a separação. Assim, Nísia Floresta foi chamada de adúltera, promíscua. Essa difamação consistia numa tentativa de apagar e diminuir a pensadora e lutadora que foi através da moral patriarcal também pujante em seu período, posto que Nísia Floresta foi uma mulher intelectual que participou de campanhas abolicionistas e republicanas, segundo os princípios desse período seria inadmissível. Apesar do ambiente hostil à atuação de Nísia, esta não se desestimulou e continuou firme em suas perspectivas principalmente sobre a educação da mulher, sua grande frente de luta. Acreditava que as mulheres poderiam participar dos cargos públicos, frequentar espaços públicos, eram capazes de pensar, raciocinar bem se tivessem uma oportunidade de terem uma boa educação. (TELÉSFORO, 2015; MATUOKA, 2017.) Conforme afirma o estudioso Telesforo:

Tal insubordinação rendeu a Nísia não somente críticas pedagógicas, mas também ataques à sua vida pessoal. Artigos nos jornais tentaram desqualificá-la como promíscua nas relações com homens e até mesmo com suas alunas. Mas essa Brasileira não era de baixar a cabeça para as



estratégias atávicas do patriarcado. Já no nome que adotou para si e deu à escola, um grito de autonomia contra a moral sexual machista: "Colégio Augusto", homenagem ao seu companheiro Manoel Augusto, com quem corajosamente viveu e teve dois filhos, enquanto era acusada de adúltera pelo ex-marido, com quem fora obrigada a se casar – tendo-se separado dele no primeiro ano de casamento. (TELÉSFORO, 2015.)⁴

Devido a perseguições do seu ex-Marido foi obrigada a se mudar constantemente.

Em novembro de 1832, Nísia e sua família mudam-se para o Rio Grande do Sul. Esta mudança radical oportunizou diversas indagações. Uma delas, a de que seu primeiro marido a perseguia. E assim, veio morar em Porto Alegre. (ITAQUY, 2013, p.29).

Sobre protagonismo da lutadora estudada que empenhava esforços contra as desigualdades sociais afirma Telésforo:

Nísia participou das campanhas abolicionista e republicana ao longo de praticamente toda a sua vida. Denunciou também a devastadora opressão colonial contra os povos indígenas, em livros como "A lágrima de um caeté", de 1849, poema épico de 39 páginas que em sua segunda parte tem como pano de fundo a Revolução Praieira (Pernambuco, 1848-50). (TELÉSFORO, 2015.)⁵

Desta forma, Itaquy afirma a importante participação de Nísia Floresta na revolução de Farroupilha:

[...] trata mais detidamente de Nísia Floresta incluindo-a também entre as intelectuais dessa época. Afirma que Nísia identificou-se com os farroupilhas, abraçando, como eles, a causa republicana e se indaga até que ponto não teria havido um intercâmbio ideológico entre a escritora e os farroupilhas, uma vez que Nísia teria trazido do Nordeste experiência política mais antiga que a dos sul-riograndenses. (ITAQUY, 2013, p. 32 apud FLORES, 1985)

⁴ Trecho tirado do blog Carta maior o portal da esquerda.

⁵ Trecho tirado do blog Carta maior o portal da esquerda



Nísia Floresta trabalhou em vários jornais como Jornal Brasil⁶ que existe até hoje; Correio Mercantil⁷, Jornal O Espelho das Brasileiras⁸, Diário do Rio de Janeiro⁹ nos quais fez várias publicações dentre elas a que gerou a produção seu livro “Opúsculo Humanitário”¹⁰ e Brasil Ilustrado¹¹. Dessa maneira escrever para jornais, publicar livros é mais uma forma de difusão de conhecimentos e ideias, em especial mais uma oportunidade de defender o direito das mulheres. Também com isso conseguia certa renda, uma forma de se sustentar. Foram nesses jornais que começou suas primeiras publicações. Desta forma afirma Gaspar:

Além das suas atividades como educadora, colaborou também com vários órgãos da imprensa como o Jornal do Brasil, Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro e Brasil Ilustrado. (GASPAR, 2017)¹².

Sobre seus escritos considera Anna:

Educadora, escritora e poetisa, considerada uma pioneira do feminismo no Brasil e uma das primeiras mulheres a romper os limites entre os espaços público e privado, publicando textos em jornais na época em que a imprensa nacional ainda engatinhava, Nísia Floresta Brasileira Augusta publicou ‘O Brasil Ilustrado, além do conto citado, a narrativa “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, o texto “Pranto Filial” e o poema “O Improviso”, dedicado ao poeta e escritor português Antônio Feliciano de Castilho. (ANNA, 2013, p. 8).

Itaqui também elabora sobre a escrita de Nísia:

Seus primeiros escritos datam de 1831, em artigos num jornal, O Espelho das Brasileiras, de Pernambuco, onde fala sobre as mulheres nas antigas

⁶ Jornal do Brasil é um tradicional jornal brasileiro que é editado na cidade do Rio de Janeiro, capital do estado homônimo. Foi fundado em 1891 pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, e atualmente pertence ao empresário Omar Resende Peres Filho, que sublicenciou a marca, de propriedade de Nelson Tanure. Em 2010, tornou-se o primeiro periódico brasileiro a ser totalmente digital,^[1] mas voltou a ter sua versão impressa publicada em 2018.

⁷ O Correio Mercantil foi publicado na cidade do Rio de Janeiro de 1 de janeiro de 1848 a 15 de dezembro de 1868. Nos anos iniciais da década de cinquenta, o jornal era editado em francês aos domingos. No início de 1848, o cabeçalho do jornal trazia o nome da firma do proprietário, Francisco José dos Santos Rodrigues e Companhia.

⁸ Joana Paula Manso de Noronha, Julia de Albuquerque Sandy Aguiar, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, Josefina Álvares de Azevedo, Presciliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida e Júlia Cortines são algumas das mulheres que, desafiando os costumes do século XIX, utilizaram-se da imprensa para divulgar e defender a causa feminina. (BARBOSA, 2006, p. 17). O jornal pertencia a um francês chamado Adolphe Emile de Bois Garin, feito especialmente para as mulheres pernambucanas.

⁹ O Diário do Rio de Janeiro foi um periódico publicado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, no início do século XIX. Foi o primeiro jornal diário publicado no país, a partir de 1 de Junho de 1821, inovando com a publicação de anúncios. O seu proprietário obteve licença do governo para abrir uma tipografia própria para a sua impressão: a Tipografia do Diário. Foram seus editores Zeferino Vitor de Meireles e Antônio Maria Jaurdan. Embora fosse uma folha comercial, tinha linha editorial favorável à independência política do Brasil, tendo circulado até 1878.

¹⁰ O Opúsculo humanitário consiste numa coletânea de 62 capítulos (ou artigos) que foram publicados, parcial e anonimamente, no Diário do Rio de Janeiro, em 1853, mesmo ano de sua publicação; e, depois, com o livro já circulando, em O Liberal, de julho de 1853 a maio de 1854. (Duarte, 2010, p. 26).

¹¹ O periódico O Brasil Ilustrado: Publicação Literária, lançado em 14 de março de 1855 por Ciro Cardoso de Meneses, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, Francisco de Paula Cândido, Francisco de Paula Meneses e Francisco Nunes de Souza, possui formato e periodicidade semelhantes aos de publicações periódicas, literárias e ilustradas oitocentistas estrangeiras. Cada número saía com oito páginas de três colunas que se mesclavam quando eram divulgados desenhos, retratos, charges e caricaturas. De Benedita de Cássia Lima Sant’Anna.

¹² Trecho tirado do site da Fundação Joaquim Nabuco.



culturas. Começava ali, portanto, o talento e a luta que Nísia iria carregar pela sua vida literária. (ITAQUY, 2013, p.28).

Nesses jornais, Nísia Floresta mostrava sua destreza como escritora, poetisa e crítica da sociedade de sua época. Uma lutadora social que acreditava em uma nova forma de organização social não escravista como descreveu em seu conto “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, o qual criticou a escravidão e deu ao negro sentimentos desprezados pela sociedade como afirma Anna:

Em nosso entendimento, a posição antiescravista assumida por Nísia Floresta no conto revela um pouco do caráter abolicionista da autora, que rebatia com entusiasmo e erudição opiniões contrárias à libertação dos escravos. Tal aspecto, aliado à sua inteligência, a seu talento e postura de vida, fez dela uma mulher à frente de seu tempo, digna de ser lida, apreciada e estudada. (ANNA, 2013, p. 11).

Em seus escritos seja em jornais, livros, contos ou poesia nota-se a influência do positivismo de Augusto Comte¹³, utilitarismo¹⁴, idealismo romântico¹⁵ e iluminismo francês¹⁶, mesmo antes de ir para a Europa. Essas correntes filosóficas proporcionaram a Nísia Floresta uma maior propriedade científica, demonstrando que seus escritos vão para além do posicionamento feminino. Dessa forma, fez forte crítica aos governantes da época que não investiam e negligenciava a educação feminina. Acreditava que isso dificultava o desenvolvimento de uma nação moderna e que era um empecilho para o desenvolvimento das mulheres, colaborando para a construção de uma sociedade desigual e injusta. Com isso, em seu livro o “Opúsculo Humanitário” denunciava a displicência da educação feminina se utilizando até de dados estatísticos da época. Como afirma Sousa:

¹³ [...] uma filosofia da história (na qual encontramos as bases de sua filosofia positiva e sua célebre “lei dos três estados” que marcariam as fases da evolução do pensar humano: teológico, metafísico e positivo); a elaboração de uma disciplina para estudar os fatos sociais, a Sociologia que, num primeiro momento, ele denominou física social. Pensava ele que a pregação moral abrandaria os capitalistas e assim seriam mais humanos com os proletários e as mulheres, eliminando os conflitos de classe, mantendo, porém, a propriedade privada. (SOUSA, 2018, p. 14)

¹⁴ [...] um método filosófico para compreender a vida humana que enfatiza a importância do pensamento racional individual; [...] o Utilitarismo considera um âmago da existência humana ideal o indivíduo motivado por um auto interesse racional, procurando o prazer e a felicidade e evitando a dor e a infelicidade. (SOUSA, 2018, p. 14).

¹⁵ [...]. Denomina-se idealista quem admite que os corpos têm somente existência ideal em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo. [...] Idealismo é a teoria que declara que os objetos existem fora do espaço ou simplesmente que sua existência é duvidosa e indemonstrável, ou falsa e impossível. (SOUSA, 2018, p. 14)

¹⁶ Filosofia é uma palavra grega que significa amor à sabedoria e consiste no estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. O Iluminismo foi um movimento intelectual que ocorreu na Europa do século XVIII, e teve sua maior expressão na França, palco de grande desenvolvimento da ciência e da filosofia. (SOUSA, 2018, p. 14).



Autodidata, Nísia foi influenciada por quatro correntes de pensamento: a Filosofia da Ilustração, o Idealismo Romântico, o Utilitarismo e o Positivismo. Inspirada nessas correntes filosóficas, que estavam em vigor na metade do século XIX, Nísia Floresta começou a sua produção teórica no ano de 1831 (ROSA, 2010 apud SOUSA, 2018, p. 13).

Para isso, no seu livro “Opúsculo Humanitário” (1853), Nísia Floresta valeu-se de dados oficiais para posicionar-se contra os sistemas de ensino das escolas da Corte, e escolas privadas, onde meninas eram educadas por professores estrangeiros, aprendendo regras de etiqueta de como portar-se diante de salões e reunião sociais. Criticou o oportunismo do ensino de estrangeiros no Brasil, considerando-os incapazes de lidar com as problemáticas deste país e se preocuparem apenas com a renda arrecada com o empreendimento. E concluiu em sua crítica nesse livro, ainda, acerca da falta de escolas para mulheres como afirma Brito:

Acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe. (BRITTO, 2014).¹⁷

Aponta a falta de investimentos no ensino como afirma Floresta:

Escreveu também sobre o Colégio Augusto, sobre o entendimento que tinha a respeito do que deveria ser a mulher e sobre o que o governo estava fazendo em favor do ensino primário das meninas (capítulo XXXVI do Opúsculo Humanitário). Analisou, ainda, o quadro demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e Município da Corte, no ano de 1852. Baseando-se nele, afirmou que o número de alunos que frequentavam as aulas era reduzido para a população da época e apontou o seu olhar para o número de meninas: “a estatística dos alunos que frequentaram todas as aulas públicas monta a 55.5000, número tão limitado para a nossa população, e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem” (FENSKE, 2015 apud FLORESTA, 1989, p. 81).

Seus textos ganharam mais força a partir do contato com escritores europeus, sobretudo porque estes reconheceram o valor do que Nísia Floresta escrevia. Ela, por recomendação médica de saúde de um dos filhos e em busca de mais conhecimento viajou para Europa visitando Portugal, Alemanha, Grécia, Inglaterra, morou durante três anos na Itália (Roma e Florença) e acabou por se fixar na França. Nesse período, continuou defendendo a educação das mulheres, fazia forte crítica a colonização

¹⁷ Essa passagem foi tirada do blog: blogueirasfeministas.com



portuguesa e escrevia sobre o seu país de origem fazendo crítica a escravidão e mostrando como seu país natal era de fato para o mundo. Desta forma, afirma Duarte:

No mesmo ano da publicação de *A lágrima de um caeté*, Nísia Floresta embarcou para a Europa, e durante alguns anos viajou pela Itália, Portugal, Alemanha, Bélgica, Grécia, França e Inglaterra, relacionando-se com grandes escritores da época, como Alexandre Herculano, Alexandre Dumas (pai), Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Manzoni, Azeglio e Auguste Comte. Em Florença, ela frequentou cursos de botânica, ministrados por Parlatore, antigo colaborador de Humboldt, e também em Paris, no Collège de France, e no Musée d'Histoire Naturelle. Consta ainda que ela teria assistido às palestras de Comte sobre Filosofia Positiva, no Palais Cardinal, em Paris, em 1851. (DUARTE, 2010, p. 14).

Da mesma forma, afirma Gaspar:

Buscando novos horizontes fez várias viagens à Europa, onde morou por cerca de 28 anos e onde conheceu e conviveu com grandes escritores e intelectuais, como Almeida Garret, Alexandre Herculano, Alexandre Dumas (pai), Victor Hugo e Auguste Comte, de quem foi amiga e grande admiradora. (GASPAR, 2017)¹⁸

Auguste Comte, entre muitos intelectuais que conheceu na Europa, foi quem mais influenciou profundamente em sua escrita, já que Nísia Floresta teve contato com sua teoria no Brasil e acabou tornando-se amiga dele. Embora Nísia Floresta reconhecesse o pensamento de Comte, procurou não se utilizar de seu determinismo. Do positivismo, a pensadora se apropriou do papel de destaque que essa teoria dava a mulher, a proporcionando uma relevância social. Assim afirma Brito:

O pensamento de Nísia foi fortemente influenciado pelo filósofo Augusto Comte, pai do positivismo, com quem conviveu durante suas viagens à Europa. O pensamento positivista entendia as mulheres como importantes figuras sociais, dotadas de uma “identidade positiva” fundamental para o crescimento das sociedades. (BRITTO, 2014)¹⁹.

Nísia Floresta foi uma intelectual ativa e sua ida à Europa fez com que intensificasse sua produção teórica, com destaque para os livros produzidos nesse período, tais como “*Intineraire d’unvoyageenAllemagne*”, *Scintille d’un’Anima Brasileira*, “*Fragments d’unouvragénédit: Notes biographiques*”. Sua obra mais conhecida o “*Direito das mulheres e injustiça dos homens*”²⁰ foi produzida no Brasil. Sobre a última discutirei, posteriormente. Desse assunto Sousa comenta:

¹⁸ Trecho tirado do site da Fundação Joaquim Nabuco.

¹⁹ Essa passagem foi tirada do blog: blogueirasfeministas.com

²⁰ Em anexo estão os nomes das obras escritas por Nísia Floresta.



Destacamos como principais obras da autora, as seguintes: *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Conselhos a minha Filha* (1842), *Fany ou Modelo das Donzelas* (1847), *A lágrima de Caeté* (1849), *Opúsculo Humanitário* (1853). Em seus manuscritos, Nísia Floresta buscava sempre evidenciar aqueles que sofriam algum tipo de repressão, ou seja, aqueles que estavam oprimidos diante da sociedade, nesse caso, as mulheres e os índios. (SOUSA, 2018, p.16).

Nísia Floresta fez a tradução livre do livro “Direitos das mulheres e injustiça” dos homens da inglesa Wollstonecraft²¹ aos 22 anos de idade, entre muitas outras obras que escreveu. Este livro foi muito polêmico em vários sentidos, pois foi questionado a sua originalidade e por questionar o patriarcado vigente ao indagar a posição da mulher brasileira nessa sociedade. Essa obra é considerada a primeira feminista do Brasil. Nísia Floresta vai para além da tradução incluindo no título a injustiça dos homens, passa a análise da organização social brasileira que inferioriza a mulher em relação ao homem. A pensadora lutava pelo direito das mulheres, dos índios, dos negros e procurava expressar isso em suas obras, demonstrando assim que as mulheres são sujeitas pensantes e criativos; capazes de fazer ideias e teorizar sobre a realidade. Veronica Alves de Sousa (2018) afirma:

Esta obra foi escrita em 1832 e foi a primeira a chegar ao Brasil para destacar a importância do reconhecimento dos direitos das mulheres. Nísia Floresta fez uma tradução livre do “*Vindication of the Rights of Woman*” (Reivindicação dos Direitos da Mulher), de Mary Wollstonecraft, publicado na Inglaterra, em 1792. A autora teve como referência base esse texto da Mary Wollstonecraft, porém adequou-o para o contexto em que viviam as mulheres no Brasil, trazendo assim uma das primeiras obras que falavam dos direitos da mulher nesse país.

Sobre os escritos de Nísia, Gaspar poderá:

Aos 22 anos publicou o livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, cuja primeira edição saiu no Recife, em 1832. Escreveu ainda, *Conselhos à minha filha* (1842), *Pensamentos* (1845), *Daciz ou a jovem completa* (1847), *A lágrima de um caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* (1855), *Itinéraire d’un voyage en Allemagne* (1857), *Scientille d’une anima brasileira* (1859), *Troisannées en Italie* (1861) e *Abismos sobre flores* (1864). (GASPAR, 2017)

²¹Este livro faz várias críticas sobre o papel da mulher na sociedade e quase foi apagado da história, mas por estudos de pesquisadoras começou a ser traduzido em várias partes do mundo em livre tradução como no caso de Nísia Floresta, só que sua tradução traz a realidade brasileira fazendo assim uma obra para além da tradução tornando-se original. Vero livro “Nísia Floresta” Constância Lima Duarte, (2010) sobre a discussão do livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”.



Nísia Floresta é uma mulher de relevo na história política e educativa do Brasil, em sua luta em favor da abolição e, em especial, pelos direitos das mulheres. Para ela, estas poderiam ser iguais aos homens se tivessem acesso à educação, com isso faz o seu livro mais conhecido “Direito das mulheres e injustiça dos homens” vem desconstruindo ideias que são disseminadas pelos homens para a inferiorização das mulheres. Ao compararmos com os escritos roussorianos, percebemos como as ideias de Nísia Floresta combatem as ideias de Rousseau, ao demonstrar que as mulheres podem ter participação política e devem ter as mesmas oportunidades sociais que estes.

A autora inicia o texto apressando que as pessoas são mais valorizadas na sociedade de acordo com a sua utilidade nesta. E que as mulheres, por serem as que mais estão responsáveis pelo cuidado, deveriam ser as mais valorizadas. E exemplifica: “Os homens podem absolutamente passar sem príncipes, generais, soldados, jurisconsultos, como antigamente e ainda hoje passam os selvagens; mas podem passar sem amas na sua infância?” (DUARTE, 2010, p. 83).

A autora afirma que os homens se consideram donos das mulheres, indiferentemente da classe social a qual pertençam. Nesse sentido, não existe uma lógica científica que justifique que a mulher deve ser subserviente ao homem. Isso acontece devido à ação do patriarcado²² que coloca a mulher em condições de não saber ser responsável por seus atos e necessita ser tutelada. Como afirma Duarte:

Na verdade, os homens parecem aprovar isso tacitamente; mas, com o seu desinteresse ordinário, pretendem restringir todos os outros talentos nossos na órbita singular da obediência, da servidão e da ocupação de satisfazer a nossos amos. Eles têm como uma razão geralmente aprovada o serem nossos amos; mas por que títulos? Eis uma pergunta a que não podem responder. Entretanto, esse sentimento é tão comum entre eles, que todos, desde o príncipe até o súdito, se acham possuídos dele. Já fui testemunha da cena divertida de um homem de baixa condição, pondo um sinal na testa da mulher para lhe fazer ver, unicamente, dizia ele, que era seu senhor.” (DUARTE, 2010, p. 85).

A pensadora contrapõe o pensamento patriarcal afirmando que as mulheres são tão competentes quanto os homens e que eles dependem das mulheres para serem mais centrados. Afirma, ainda, que a desigualdade entre homens e mulheres acontece devido ao medo dos primeiros que os segundos se sobressaíam nas mesmas

²²Saffioti (2004, p.44) define o patriarcado com a seguinte afirmação: é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens



atividades. (DUARTE, 2010, p.89) “Porém, se ele é perfeito em um como em outro sexo, então se deve supor os homens invejosos e pode-se dizer, sem temeridade, que a única razão porque nos fecham o caminho às ciências é temerem que nos levemos a maior perfeição que eles”

Nísia Floresta em seu texto também aponta que a diferença entre homens e mulheres é biológica, na parte reprodutiva, porém em todo o resto são iguais. Assim, as diferenças entre homens e mulheres são construídas social e culturalmente. Neste sentido, Nísia Floresta considera que essa diferença possa ser superada e aponta a educação das mulheres como forma de superar essa problemática. Conforme se posiciona Duarte:

Todas as indagações da anatomia não têm ainda podido descobrir a menor diferença nesta parte entre os homens e as mulheres: nosso cérebro é perfeitamente semelhante ao deles ; nós recebemos as impressões dos sentidos como eles; formamos e conservamos as ideias pela imaginação e memória, da mesma maneira que eles; temos os mesmos órgãos e os aplicamos aos mesmos usos que eles; ouvimos pelos ouvidos, vemos pelos olhos e gostamos do prazer também como eles. (DUARTE 2010, p. 91).

Nísia Floresta argumenta que a ignorância da mulher e sua vaidade são devido ao seu não contato com a ciência. Desta forma, para combater a vaidade feminina e sua ignorância, o caminho é o do conhecimento. Portanto, a mulher deve ser incentivada a ir à escola e aprender os saberes científicos igual ao homem para, dessa forma, poder tomar decisões com maior assertividade. Assim descreve Duarte:

Se tem havido algumas pessoas de nosso sexo tão deslumbradas de seu saber, que se possuem de vaidade, essa falta em si mesma é desculpável; é porque para aprenderem a ser humildes, não beberam no rio corrente da sabedoria, e só se demoraram em sua superfície. (DUARTE, 2010, p.93).

Outro tema abordado por Nísia Floresta é a negação à mulher de assumir cargos públicos, estes voltados para os homens. Desta forma, a política assume traços masculinos que não levam em consideração os anseios femininos. Um dos fatores disso é a ciência ser negada as mulheres, com isso elas acabam não tendo acesso os conhecimentos necessários para exercerem cargos públicos. Desta maneira, os homens utilizam a ciência para manter a superioridade sobre a mulher a mantendo na ignorância a impossibilitando de estarem nos espaços públicos. Assim, acabam as afastando dos cargos públicos as restringindo ao espaço doméstico. Nesse sentido, mais uma vez reforçamos a importância da educação das mulheres para adentrarem em espaços públicos, reivindicarem esse espaço. “É um grande



absurdo pretender que as ciências são inúteis às mulheres, pela razão de que elas são excluídas dos cargos públicos, único fim a que os homens se aplicam.” (DUARTE, 2010, p.94)

É importante nesse ponto do texto mencionar que as ideias de Nísia Floresta contrapõem um pensador europeu contratualista denominado Rousseau. Este escreve “Emilio ou da educação” que é uma descrição de como deve ser educado um homem e a mulher. Uma educação com base na diferença entre os sexos, onde o homem é supervalorizado e a mulher é inferiorizada. Nísia Floresta vai quebrando esses argumentos um a um no decorrer de seu texto à medida que vai defendendo a educação da mulher e que esta deve ser tratada da mesma forma que os homens. Para tanto, a pensadora utiliza-se do método maiêutico para questionar as afirmações patriarcais exploradas por Rousseau “Emilio ou da educação” e contra argumentando, ao tecer as críticas a esses argumentos que fundamentam o patriarcado. Por fim, aponta como caminho à equidade de gênero e à libertação da mulher por meio de uma educação igualitária para ambos os sexos.

Uma forma de exemplificar é quando Rousseau no livro “Emilio ou da educação” afirma que a mulher só deve ter educação básica para tomar conta de casa e Nísia Floresta contra argumenta em seu livro “direito das mulheres ou injustiça dos homens” que os homens têm essa atitude por medo de serem subjugado pelas mulheres. Assim como essa passagem, muitas outras estão presentes no livro de Nísia Floresta, que rebatem o conteúdo patriarcal conferido à educação defendida por Rousseau.

Uma temática interessante é a eloquência da mulher. Nísia Floresta afirma que a mulher possui uma facilidade para discursar, a diferença dos homens, que o fazem a duras penas. Esta habilidade é adquirida pelos estímulos a serem boas companhias em conversas; desta forma, as mulheres são estimuladas a se expressarem e também a demonstrarem o que sentem. “Toda arte oratória das escolas não é capaz de dar a um homem essa eloquência e facilidade de se expressar, que a nós nada custa” (DUARTE, 2010, p.95)

Como é eloquente, de bom juízo é tão capaz quanto o homem de fazer ciência- “Certamente se temos uma eloquência mais comunicável que a sua, nós devemos ser, ao menos como eles, tão capazes de ensinar as ciências; e se não nos vêm nas cadeiras das universidades, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares em nosso prejuízo; ou pelo menos deve-se



reconhecer nisso, que temos mais modéstia, que eles, e menos ambição. (DUARTE, 2010, p.96).

Nísia Floresta aponta a importância das curandeiras para o desenvolvimento da medicina. As mulheres, há muito tempo, são responsáveis por tratar os doentes e sem dúvida ajudaram no desenvolvimento da medicina. No entanto, foram acusadas de bruxaria e hoje esse conhecimento continua não sendo valorizado. "... e uma receita de – curandeira –, como eles chamam, tem quase sempre destruído tal moléstia inveterada, que resiste obstinadamente a toda ciência de um Colégio de Graduados" (DUARTE, 2010, p.97).

Nísia Floresta critica o modo de fazer ciência dos homens, a filosofia, especulativa, pois, segundo ela, essa forma de ciência não leva em conta as praticidades do dia a dia. Desta forma, se a ciência fosse realizada pelas mulheres, trataria de resolver problemas relevantes para a sociedade e não fantasias abstratas. Assim, propõe um modo feminino de fazer ciência voltada para a realidade. Como afirma Duarte:

Como sabemos que o conhecimento de nós mesmas, e dos objetos que nos cercam, é absolutamente necessário para tornar úteis os conhecimentos de que vimos de falar, em lugar de perder o tempo em bagatelas, que ocupam o estudo da maior parte dos maus filósofos, nos aplicaríamos a refletir sobre nós mesmas, e sobre os diversos objetos, que nos cercam, a fim de descobrir que relações ou diferenças eles têm conosco, e por que aplicações podem ser-nos vantajosas, e corresponder ao fim para que nos foram dados. (DUARTE 2010, p.98-99).

A mulher pode praticar a religião tanto quanto o homem. A autora, com essa afirmação, defende fortemente o direito da mulher a praticar a religião, suas crenças, não só reproduzir o que o marido ensina da bíblia, por exemplo. Assim, a mulher poderia estudar e conhecer qual religião gostaria de seguir. Deste modo Duarte a firma:

Além disso, nosso sexo tendo uma inclinação natural a praticar a virtude e a religião, não era necessário ajuntar mais recursos exteriores à sua graça divina para nos atrair a um caminho, para o qual nossos corações nos conduzem (DUARTE 2010, p.100).

Dessa forma, a pensadora luta pela igualdade entre os sexos, argumentando sua capacidade, potencialidades que não são desenvolvidas por falta de conhecimento negado ao não proporcionar o aprendizado científico das mulheres nas escolas. Assim, afirma Duarte:



eu pretendo somente fazer ver que meu sexo não é tão desprezível como os homens querem fazer crer, e que nós somos capazes de tanta grandeza de alma como os melhores desse sexo orgulhoso; e estou mesmo convencida que seria vantajoso para os dois sexos pensar dessa maneira (DUARTE, 2010, p.103)

Com isso, apontamos que o motivo da desigualdade entre homens e mulheres é a tirania do homem. Desta maneira, o homem oprime, explora, domina a mulher para ter uma serviçal trabalhando para ele, por acreditar que é dono do conhecimento, não podendo dividir com mais ninguém. Assim, pondera Duarte:

A falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam, as priva das virtudes que poderiam sustentá-las contra os maus tratamentos que eles imprudentemente lhes fazem sofrer; faltas dessas virtudes elas imaginam os meios os mais condenáveis para se vingarem de seus tiranos. (DUARTE, 2010, p.103)

A crença na educação como transformação social é a maior aposta da autora. Por isso, acredita que todas as dificuldades que as mulheres enfrentam serão superadas a partir do momento que esta tiver acesso à educação. Assim, esse é o aspecto que muito se repete em suas falas relacionadas à luta pelo direito da mulher à educação. “Eis porque exorto a todas as mulheres a desprezar os vãos divertimentos e a aplicar-se à cultura de suas almas, a fim de se tornarem capazes de obrar com toda dignidade a que a natureza nos destinou” -(DUARTE, 2010, p.106).

Uma observação importante no texto “Direito das mulheres ou injustiça dos homens” de Nísia Floresta é a sua forma de escrita, através da qual faz indagações sobre os motivos da inferioridade da mulher, questionando a sociedade patriarcal brasileira, e durante o texto vai respondendo essas indagações demonstrando que não há justificativa para a inferiorização da mulher, fazendo contraponto aos argumentos utilizados pelo patriarcado para justificar as desigualdades impostas as mulheres. Aponta como solução desses problemas a educação das mulheres. Essa forma didática de escrita que parte de questionar a realidade para depois responder as problemáticas facilita a compreensão do texto, assim mais uma vez mostrando sua destreza na escrita.

Nísia Floresta morre em 24 de abril de 1885. Essa foi uma perda lastimável de uma mulher que lutou tão vigorosamente pelos direitos das mulheres, índios, negros e que fez desse mundo um lugar melhor com seu brilhantismo. Conforme Itaquy:

Nísia Floresta Brasileira Augusta faleceu em 24 de abril de 1885. A imprensa local não ficou indiferente e manifestou-se em suas publicações.



Apresentamos três exemplos, conforme Constância Duarte (2006, p. 40)³⁴. Primeiro o jornal O País, do Rio Grande do Norte, em 27 de maio de 1885.(ITAQUY, 2013, p.33).

Gaspar confirma esse trágico fato:

Nísia Floresta morreu em Rouen, na França, no dia 24 de abril de 1885. Seus restos mortais só foram trasladados para o Rio Grande do Norte, em 1954. Encontram-se hoje no mausoléu que foi erguido em sua homenagem, na cidade onde nasceu e que tem o seu nome. (GASPAR, 2017).

Para finalizar, afirmamos o brilhantismo de Nísia Floresta uma mulher nordestina, lutadora, dos direitos humanos, pautando fortemente a luta das mulheres, negros e indígenas. Uma mulher que acreditava na educação crítica como ferramenta de transformações profundas da sociedade. Ela se destaca também, no campo intelectual como escritora e poetisa.

4. Considerações finais

Nísia Floresta foi uma grande lutadora dos direitos das mulheres, da educação das mulheres como também dos indígenas e dos negros e demonstrou isso, em seus escritos, na construção de escolas para meninas, nas lutas abolicionistas e republicanas.

Ela foi incansável em seus ideais de direitos iguais, principalmente para as mulheres, e mesmo no estrangeiro continuou produzindo importantes reflexões sobre essas lutas e desmistificando pensamentos sobre o Brasil no exterior no sentido de mostrar o país com pessoas revolucionárias, com projeto de nação.

Por fazer o enfrentamento do patriarcado, por ser mulher, Nísia Floresta é pouco trabalhada no mundo acadêmico, sendo rara a utilização de seus textos nas universidades ou nas escolas, também devido o projeto político educacional adotado no país de propor uma educação eurocentrada, assim não valorizando o conhecimento produzido nacionalmente.

Apontamos a importância da educação na vida de Nísia Floresta, que se não tivesse tido o incentivo à educação pelo seu pai, do contato com o liberalismo, de ter sido autodidata nos seus estudos, não teria tido a oportunidade de escrever e conhecer e atuar no que fez em sua vida. Uma prova viva da importância da educação da mulher, por isso compreendia bem essa luta.

Nísia Floresta deixa claro a necessidade histórica de uma igualdade de direitos entre os sexos, o que converge para a luta do feminismo em todo o mundo, isto é, a



igualdade entre os sexos não a superioridade de um deles. Propõe que a educação seja o instrumento de transformação social, de chegar a essa igualdade, o direito da mulher tem de ter a acesso a ciência, a criar, a estar em cargos públicos. É menester destacar aqui uma crítica que as mudanças e transformações para a desigualdade entre mulheres e homens não se restringem ao âmbito cultural, portanto educacional, mas vem também da superação do próprio capitalismo e, portanto, também se faz necessário, mudanças na forma de produção.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict R. Comunidade imaginada: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ANNA, Benedita de Cássia Lima Sant'. o Brasil ilustrado (1855-1856) e a colaboração de Nísia Floresta: considerações. **Miscelânea, Assis**, v. 14, p. 183-196, jul.–dez. 2013. ISSN 1984 - 2899. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/217/213>. Acesso em: 20 jan.2019.

BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BRITO, Rafaella. **Nísia Floresta, a primeira feminista brasileira**. 2014 Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2014/08/06/nisia-floresta-a-primeira-feminista-brasileira/>> . Acesso em: 12 nov. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2018

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FENSKE, ElfiKürten. **Nísia Floresta Brasileira Augusta - uma mulher á frente de seu tempo**. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/07/nisia-floresta-brasileira-augusta.html>>. Acesso em: 20 jan.2019.

GASPAR, Lúcia. **Nísia Floresta**. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=199%3Anisia-floresta&catid=61%3Aletra-n&Itemid=1>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GOLDMAN, Wendy Z. Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas. São Paulo: Boitempo, 2014.

GOMES, Angícia; BRAGA, Natanael; RIBEIRO, Paula. **Caleidoscópio de nações: reflexões teóricas a partir de um mapa da questão nacional**. Fortaleza: EDUECE

ITAQUY, Antônio Carlos de Oliveira. **Nísia Floresta**: ousadia de uma feminista no brasil do século XIX, 2013. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado



do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2730/NISIA%20FLORESTA%20PDF.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 jan.2019.

MATUOKA, Indrid. **Nísia Floresta: a primeira educadora feminista do Brasil.** Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/>> Acesso em: 15 jan. 2019.

MEMORIA viva. **Nísia Floresta.** Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/nisiafloresta/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

REED, Evelyn. **Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe.** São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

RIBEIRO, José Alcides. Correio Mercantil do Rio de Janeiro: Modos Jornalísticos e Literários de Composição. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28.,2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Uerj, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/52299316788677491622775106705398388218.pdf>>f>Acesso em: 20 jan. 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação.** São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUSA, Veronica Alves de. **O pensamento pedagógico de Nísia floresta e sua importância na conquista do direito à educação para as mulheres.** 2018. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação de Crateús, Universidade Estadual do Ceará, Crateús, 2018.

TELÉSFORO, João. **Nísia Floresta Brasileira Augusta: o feminismo revolucionário no século XIX.** In: Carta Maior, 26.5.2015. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Nisia-Floresta-Brasileira-Augusta-o-feminismo-revolucionario-no-seculo-XIX/39/33582>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

Wikipédia, a enciclopédia livre. **Jornal do Brasil.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Brasil>. Acesso em: 20 jan. 2019.